

Arquivo pessoal



Aprovada em medicina: ao lado da irmã mais nova e da mãe

Para facilitar a logística, Rithiele se mudou para a Asa Norte na graduação, em um apartamento alugado, para ficar mais próxima à UnB. Porém, este ano, ela decidiu voltar a morar em Sobradinho. Além dos estudos, a estudante trabalha como terapeuta holística, o que garantiu o pagamento do aluguel quando se alocava no Plano Piloto.

Ainda hoje, ela diz que questões familiares, como falta de dinheiro, têm um peso grande em sua vida. “Às vezes, pensamos em desistir. Isso te tira do eixo, não tem como competir com a medicina”, lamenta. Por isso, seu maior desejo é, por meio da profissão, reverter essa realidade: “Só quero dar uma vida tranquila para minha família”.

Preconceito

Além dos desafios profissionais e pessoais, Rithiele se lembra de duas situações em que sofreu capacitismo, preconceito relacionado à deficiência. Uma vez, ela cita que recebeu nota inferior aos colegas porque “não tinha força suficiente” em um exame físico que não exigia isso: “Todos tiraram 10, e eu, oito; ouvi que não merecia nota maior e ainda fui questionada se conseguiria levar minha carreira à frente por causa da minha deficiência”.

Outra vez, em uma simulação de intubação, o professor se recusou a ensiná-la por ele achar que “não tinha preparo para dar suporte” a ela. “Busque um vídeo no YouTube para aprender, porque não consigo ensinar pessoas como você”, a estudante ouviu.

Mensagem

Após lidar com todos os desafios da trajetória, a futura médica gostaria que cada vez mais pessoas pudessem superar as próprias limitações e alcançar posições de destaque. “Não quero ser a exceção, nem ter o palco só para mim. Histórias como a minha devem se repetir”, defende.

Com a formatura se aproximando, ela quer ter estabilidade antes de optar por seguir uma área específica, mas tem grande interesse por medicina de família, do trabalho e psiquiatria. Como mensagem final, ela propõe que se busque a felicidade, mesmo diante de incertezas. “Se você está insatisfeito com o que faz, vá atrás do que te traz alegria, porque isso te motiva. A medicina é isso para mim”, orgulha-se.

***Estagiária sob supervisão de Ana Sá**

Arquivo pessoal



A estudante se prepara para formatura em agosto

e até financeiramente. Antes mesmo de todo mundo saber a minha história, ela me acolheu e deu todo o suporte. Sempre me incentivou, foi muito humana comigo”, admite, com carinho. Além de Selma, a estudante tem outras referências: “Drs. Carina, João, Lobato e Ricardo foram mais do que médicos e

professores na minha caminhada, e tenho muito a agradecê-los”.

A formanda da UnB também vai se recordar da faculdade pelas amizades, que considera “como irmãos”, e pelo que aprendeu no curso, percebendo seu crescimento profissional e pessoal. “Acredito que me tornei outro ser humano depois

da faculdade, em questão social, mental e política. Ela me trouxe uma visão de vida”, comenta.

Desafios

Para a jovem, o maior desafio do curso foi acompanhar o ritmo acelerado dos colegas, que mos-

travam uma “inteligência fora de série”. Contudo, ela nunca se deixou abalar por isso, prezando pelo próprio bem-estar. “Eu fui descobrindo informações que o pessoal já sabia há muito tempo, porque meu foco nunca foi só a faculdade. Absorvi o que pude sempre respeitando meu tempo”, explica.